

POESIA ALEGRE

Os pessimistas têm mais este argumento a favor do seu parecer, que as emoções de alegria ou prazer não são estéticas. Pelo menos só o são quando se lhes mistura algo de doloroso, de triste ou de amargo. A alegria estreme, sem este resaiço de tristeza, jámais produziu um grande poeta. A comedia de Aristophanes ou de Molière, no que ella tem de verdadeiramente comovedora, é ao cabo triste, e dèssa tristeza tira o merecimento. O mesmo é exato desses grandes poetas da alegria, Rabelais, Shakespeare ou Cervantes. E' a dor humana, que chora entre as casquinadas de riso das suas creações, que nos toca. O riso é apenas o dulçuroso veiculo da amargosa peçonha. A alegria na poesia tem que ser humor, isto é travarse de tristeza, para que a sintamos.

A poesia puramente jovial, ou somente alegre, apenas mui superficialmente nos toca. A sua graça de anedota, como a desta, mal ouvida é logo esquecida. Falha, portanto, ás mesmas profundas necessidades criadoras da poesia, ou existentes em

nossas almas, de emoções que nos façam sair de nós mesmos, que nos arranquem, ainda momentaneamente, ás duras realidades da vida. Toda a obra humana, saber-se-ia ainda em antes do pseudo Salomão, é van. Mais talvez do que todas o é esta poesia do riso, este cantar de alegrias, quando se lhe não casa á jocosidade a amargura, essa positiva e real, da humana dor. Leiam os varios cancioneiros alegres das varias linguas, releiam o demasiado famoso de Camillo para a nossa, e digam-me sinceramente se eles os alegraram ou sequer divertiram. A minima anedota fresca teria exactamente o mesmo efeito.

Na lingua portugúesa não ha talvez mais que um poeta alegre — se tal se lhe pode chamar — que nos faça sorrir, e com o qual riríamos, não fôra a causa do nosso riso os mesmos ridiculós humanos, é Nicolau Tolentino. Esse é, porventura, o maior poeta portugúes do seu tempo, pelo sentimento particular e graciosidade da sua poesia, e pela excellencia de todo moderna da sua expressão, em que, pela elegancia, propriedade e graça, os excede a todos. Mas é em suma a satira, a critica poetica do mal da vida que, servida desses dons, ou antes realçando-os, o sobreleva aos seus contemporaneos.

A' poesia da nossa lingua, como á gente que a fala, faltam duas qualidades, uma delas proeminente, a ingenuidade e a jovialidade. Nós, brasileiros, não obstante a nossa mocidade, somos ainda menos alegres que os portugúeses. E os nos-

(VIRE

obra de um poeta, ainda humorístico ou alegre, para a exalçarem. Tais são, por exemplo, *Zodiaco passionnal*, *Amor cadastral*, *Amor aljebrico* ou *Amor geometrico*, (este, por sinal, obra-prima, no seu genero inferior), e outros e outros que constituem talvez a maioria dos seus *Moinhos de Vento* titulo sob que acaba de reunir os seus alegres versos. (Jacintho Silva, editor).

E' possivel, e suspeito-o, que o sr. Bastos-Tigre se esteja a rir do sério com que lhe estou fazendo estas observações, a ele que acaso já as terá feito, a si mesmo, mas que pouco se lhe dá delas. Ele ao cabo parece não querer mesmo ser senão o poeta frivolo e alegre, que se definiu exactamente neste soneto, que é deveras bom:

Amo o verso corrente e espontaneo; perfeito,  
Mas sem que a forma seja um cilicio que o oprima;  
Que vos dê a impressão de que já estava feito,  
Com o metro junto, a idéa cara, a exata rima.

A rir, as regras d'Arte as acato e respeito;  
Aprez-me trabalhar a escopro, a mó e a lima  
O blóco de uma idéa e sorrir satisfeito.  
Ao sonho de arrancar dele a minha obra prima.

Traço um leve bosquejo, um breve ensaio, escorço  
Sobre o qual suo e anceio e a alma inteira extravaso;  
E cato a rima e busco o efeito e a frase torço;

Mas sou tal como quem, pondo flores num vaso,  
Emprega todo o amor, todo o cuidado o esforço  
Para mostrar que o fez assim, por méro acaso.

A arte do sr. Bastos Tigre consiste essencial-

(VIRE)

mente em misturar á gravidade tradicional dos seus temas e da maneira de os tratar a facecia do seu genio folgazão, produzindo, por contraste, um quasi infalivel efeito jocoso, frequentemente, mas sem nempre, feliz. Em suma, em amesquinhar pela troça o que os demais poetas por temperamento, costume ou estudo, celebram e exalçam. A virtuosidade que nisto põe, releva-lhe o emprego de uma inspiração que, a meu ver, o merecia melhor.